

COMENTÁRIOS E NOTÍCIAS

A propósito da 38.^a Feira do Livro...

POR JOAQUIM TOMÁS MIGUEL PEREIRA

A Primavera traz a Lisboa dois acontecimentos que a cidade já não dispensa. Quando os últimos frios ainda arpejam a nossa pele crestada de meridionais e o sol luminoso atrai multidões de nórdicas e brumosas paragens — é todo um cosmopolita «Abril em Portugal» que nos entra pela casa adentro, com as suas revoadas de «misses» e «frauleins» atraídas pela luz da velha Ibéria: trata-se então de uma festa seleccionada, distinta, aberta apenas ao turista que nos visita e da qual o lisboeta é risonho e contemplativo basbaque. Mal entrado, porém, seja Maio, e quando começa a saber a perfume um higiénico passeio junto aos lagos da Avenida — aí temos verdadeiramente o popular cartaz de primaveris tardes da capital: a Feira do Livro. Ao contrário da primeira, de mais fresca data mas mais apressada em ganhar as suas esporas de ouro, a Feira do Livro é festa que tímidamente começou há largos anos — atacada por uns, defendida por outros; incompreendida por aqueles, justificada por estes; discutida, criticada, desejada, repelida... Mas o povo — e o povo é que faz a lei! — pouco a pouco, foi-lhe chamando sua, frequentou-lhe os escaparates, apareceu sempre onde ela lançava a tenda — Rossio, Restauradores, Avenida — discutia, regateava, comprava... e hoje já não pode passar sem ela!

A 38.^a Feira do Livro foi, pois, tudo o que aí fica dito. E mais — foi a maior de sempre: 64 pavilhões, com 200 000 livros, ocupando vasta área dos talhões centrais da Avenida da Liberdade em Lisboa. Foi também a mais fértil em realizações de toda a espécie, em frequência humana, em apaixonada apreciação por parte da imprensa — e, esperemos também ainda, a melhor em resultados para os expositores!

E se de Lisboa passarmos ao Porto, que também teve, em exclusivo com a capital, a sua Feira do Livro, verificaremos que o panorama foi o mesmo. As barracas da Feira submergiram literalmente a Praça da Liberdade, inundaram de livros a «Baixa» tripeirinha, positivamente entaiparam D. Pedro IV — e tudo isto logo no mês que comemorava 135 anos do avanço liberal para o sul...

*

Em termos que se convencionaria chamar de «jornalismo expressionista», aí fica o retrato «à la minute» da Feira do Livro 1968. E por aqui poderíamos ficar, acompanhando o esquecido e tranquilo silêncio da Imprensa que outra coisa não viu durante os 20 dias — 14 de Maio a 2 de Junho — em que os seus escaparates coloridos agitaram o meio citadino. Mas não o fazemos. Melhor — não o devemos fazer! Cremos que algo há a acrescentar e a reter. Por isso mesmo, os comentários que vão seguir-se pretendem registar e resumir o que de mais saliente se pôde observar durante aqueles dias. E, se nenhum outro mérito merecerem, fiquem, ao menos, como preito a uma classe que tanto de comum tem com a nossa: a dos beneméritos editores e livreiros. E fiquem também, se nos for permitida a nota pessoal, como calma meditação de um bibliotecário na fronteira tranquila e contemplativa do mundo do Livro e da Cultura.

*

Primeira conclusão a tirar da Feira do Livro de 1968: o seu extraordinário e visceral dinamismo. De facto, para além do aspecto puramente comercial, ela desdobrou-se em iniciativas do mais frutuoso alcance. Já há muito deixara de se limitar ao «livro do dia». Hoje, porém, transcendendo os seus objectivos económicos, a Feira passou a especializar cada dia, dedicando-o a uma realidade cultural (e elas são tantas!...), a uma actividade bibliográfica, a um aspecto particular relacionado com o grande mundo do Livro.

E este ano ainda mais longe se foi: Lisboa assistiu, assim, interessada e atenta, a conferências e colóquios efectuados por nomes de primeira plana. Não faltaram as técnicas áudio-visuais para sugerir o que o ambiente limitado da Feira não comportava. Por seu lado, a Imprensa dedicou uma atenção quase permanente à Feira do Livro — quer em simples notícias, quer em artigos ou pequenas notas de reportagem, ela teve as honras de pessoa grande e estimada. Sem querermos dizer que a lista se apresente completa, eis um pequeno apanhado de todas essas realizações:

14 de Maio — Inauguração solene com a assistência do Chefe do Estado e de altas individualidades.

20 de Maio — «Dia do Bibliotecário», a que mais abaixo nos referiremos.

23 de Maio — «Dia do Livro Brasileiro», que registou a presença do Senhor Embaixador do Brasil e de intelectuais do País-Irmão.

28 de Maio — «Dia do Livro Ultramarino», com a visita do Senhor Ministro do Ultramar e de funcionários superiores do seu Ministério.

29 de Maio — «Dia do Livro Olissiponense».

1 de Junho — «Dia do Livro Infantil».

Por altos nomes da nossa intelectualidade foram preferidas as seguintes conferências (com recitais):

23 de Maio — Urbano Tavares Rodrigues e Joel Serrão falaram, respectivamente, sobre Manuel Teixeira Gomes e Jaime Cortesão, tendo colaborado os artistas de teatro declamado Catarina Avelar e Morais e Castro e tendo-se ouvido a voz gravada do último destes autores.

25 de Maio — Maria Aliete Galhoz e Luís Francisco Rebelo referiram-se à personalidade e à obra de José Régio, com a colaboração dos mesmos artistas.

27 de Maio — David Mourão Ferreira e João Palma Ferreira trataram, respectivamente, da obra de Branquinho da Fonseca e de Virgílio Ferreira, com igual colaboração.

30 de Maio — Vitorino Nemésio e Augusto Costa Dias ocuparam-se, respectivamente, de José Gomes Ferreira e Basílio Teles e de Trindade Coelho, tendo os artistas já referidos lido também textos destes autores.

Houve algumas sessões de autógrafos, registando-se a presença de David Mourão Ferreira, com o seu livro de contos «Os amantes», e a de Guilherme de Castilho, com a sua obra «António Nobre». Por altura desta última sessão, os artistas indicados acima procederam também à leitura de poesias do autor do «Só».

São de apontar mais algumas iniciativas: no «Dia do Livro Infantil» efectuou-se um recital de poesia dedicado às crianças e que foi organizado pela escritora Alice Gomes, tendo sido apresentados poemas de Manuel Bandeira, António de Sousa, Sebastião da Gama, Miguel Torga, Jorge de Lima, Papiniano Carlos, Salette Tavares, Maria Alberta Menéres e Matilde Rosa Araújo. Além de Catarina Avelar e Morais e Castro, os poemas foram lidos por Maria Alvim e pelo poeta António Lino Portugal. Pelas crianças visitantes foram distribuídos mais de 6 000 livros.

O Grémio dos Editores e Livreros estabeleceu um prémio destinado a galardoar o «Melhor Texto» e a «Melhor Fotografia» sobre a 38.^a Feira do Livro, o qual foi atribuído no dia 1 de Junho, véspera do encerramento da mesma.

Disto tudo uma segunda implicação: o livro vai conquistando, pouco a pouco mas cada vez mais aceleradamente, novos leitores e novos mercados. O hábito da leitura vai-se enraizando, vai-se tornando uma coisa tão banal, tão corriqueira, tão necessária como o pão que se come ou o oxigénio que se respira. O Livro já não é o objecto de luxo que se dispensa ou se julga privilégio de uma minoria. E também não é só o amigo que distrai e educa, como o têm afirmado, repetindo-se até à exaustão, sentimentais e românticos bibliófilos, cuja distante e erudita torre de marfim talvez mais tenha afastado do que aproximado as gentes do Livro...

O Livro é isso e muito mais: é verdadeiro motor do mundo, alavanca da técnica, força imensa que influi decisivamente na actividade humana e nos destinos da Humanidade. Ele não pode ser só apreciado com os olhos calmos de uma admiração platónica quando, revestido de carneira e de ouro, se enfileira inútil em estantes que ninguém percorre. O Livro não só distrai e educa — o Livro também ensina, valorizando o Homem, transmitindo-lhe o resultado das experiências doutros homens. Como o escreveu Edmundo Perdiz, o livro permite o encontro do homem com o homem, encontro que não foi combinado, mas que se torna necessário se quisermos sobreviver.

Mas poderá o Livro influir deste modo no mundo em que vivemos? É evidente que sim. O homem precisa cada vez mais do seu semelhante. O progresso da biologia, o progresso da física, o progresso da medicina, o progresso da química, o progresso da técnica, o progresso e a especialização das disciplinas clássicas, o progresso material e espiritual do mundo, não pode ser obra de um só homem, de um grupo de homens, de uma nação, de um grupo de nações... É obra de toda a Humanidade, de pólo a pólo, de antípoda a antípoda, de tal forma que as mais pequenas contribuições não podem ser dispensadas e têm o seu lugar ao lado das grandes conquistas humanas. Pois o Livro sintetisa toda essa fremente busca da verdade pelo homem. Como ignorá-lo, portanto, como esquecer o papel do Livro, o do editor, o do livreiro, o do bibliotecário?...

Terceiro aspecto que queremos salientar: o editor português (e quem diz editor pode acrescentar o simples livreiro) vai ganhando consciência de que se encontra numa verdadeira encruzilhada. Não só como produto comercializável, mas também como produto cultural, o Livro necessita hoje de uma planificação em bases diferentes das anteriores e de um estudo da conjuntura sócio-económica em que se vai integrar.

Isto quer dizer, por outras palavras, que, para ser vendável, terá que apresentar um conteúdo que corresponda a uma necessidade actual do homem. O Editor tem que ser não só um técnico, profundamente conhecedor do seu officio, capaz de determinar, quase instintivamente, a apresentação gráfica mais apropriada para certa obra, mas também um homem de cultura, atento aos mercados nacionais e internacionais e bom avaliador das possibilidades de expansão comercial e intelectual de qualquer livro.

E mais ainda: temos que aceitar a ideia de que uma casa editora se vai transformando gradualmente numa verdadeira empresa, com as suas estruturas decalcadas sobre o modelo comum. Daí, implicações de ordem económica relacionadas com a concentração de capitais que o facto requer — mas implicações às quais, paradoxalmente, não basta atender apenas ao ponto de vista material, mas entrar também em linha de conta com os factores intelectuais que promovem a venda do «objecto» em causa: o livro. Daí, ainda, a nova concepção de «casa editora», a necessidade da sua actualização, o novo figurino que a enforma, o novo campo da sua acção.

Por outro lado, não esqueçamos que essa empresa, como todas as outras, tende já — e cada vez tenderá mais — a internacionalizar a sua projecção, quer unindo-se, em consórcios, a outras editoras

estrangeiras para conseguir acesso aos seus mercados, quer obtendo esses mesmos mercados por sua própria iniciativa. Por isso, é de perguntar, desde já, se todo o editor português estará em condições de aguentar a pé firme esse embate. E claro que não falamos apenas no mercado nacional trans-continental, mas no que espera o livro português no Brasil, na vizinha Espanha, nas terras onde milhões de almas falam a nossa língua...

A colaboração internacional entre editores e livreiros — e aqui lembramos, por associação de ideias, a paralela colaboração internacional no campo das bibliotecas — impor-se-á, assim, como base indispensável para esse novo estado de coisas. Mas, para isso, necessitar-se-á de quadros mais numerosos, tècnicamente adestrados e com um mínimo de preparação científica a conseguir por intermédio de curso apropriado. Seja qual for o escalão em que trabalhar um empregado de tal empresa, acreditamos firmemente que o progresso desta última será, em grande parte, condicionado pela valorização profissional e técnica do primeiro — e que nesta valorização alguma coisa a dizer poderão ter os bibliotecários.

Cremos que mais alguns factos seriam de apontar neste capítulo — como a proposta especialização das próprias casas editoras, a exemplo do que se faz já no estrangeiro com os melhores resultados. Baste, porém, remeter, por agora, o leitor interessado para as declarações do infatigável Editor Francisco Lyon de Castro ao «Diário de Lisboa», de 16 de Maio, e ao «Diário Popular», de 23 seguinte, onde estes e outros problemas são tratados com o conhecimento de quem tem dedicado uma vida operosa ao Livro.

Quarto aspecto a considerar: a extraordinária audiência que a Feira do Livro conseguiu não só junto da grande Imprensa diária, mas também da pequena Imprensa da Província. Durante os dias em que ela se conservou aberta sucederam-se os artigos de fundo, as entrevistas, as pequenas locais, os comentários, as notas de leitura, as sugestões vindas de toda a parte... Há os que querem a Feira em Outubro porque coincidiria com o começo das aulas e o menor cansaço intelectual dos alunos, chegadinhos de férias e com o bolso mais fornecido de dinheiro; há os que sonham com uma feira destinada ao livro antigo, essa, sim, no Outono, quando as folhas caem e o tempo sabe a história, passado, mistério; há os que exigem mais do que uma feira por ano ou, pelo menos, que a actual se repita em bairros excêntricos da capital — Alvalade e Alcântara, por exemplo — para servir o maior número possível de habitantes; há os que defendem a ideia de que a Feira se devia especializar: a Feira do Livro Infantil, a do Livro Técnico, a do Livro de Arte, a do Livro Estrangeiro...

Entre toda essa exuberante colaboração da Imprensa, permitimo-nos salientar a de um periódico regional — o «Diário do Ribatejo», de Santarém — o qual lembrou, a propósito da realização da Feira Nacional da Agricultura nesta cidade, que poderia tentar-se o lançamento da Feira do Livro nas cidades mais importantes do País, aproveitando, para o efeito, as datas festivas que anualmente se comemoram em cada uma delas. Com os pavilhões devidamente ambientados e uma propaganda inteligente que recorresse aos factores emocionais inspirados no acontecimento festivo, somos levados a crer que a ideia teria a sua viabilidade e poderia constituir mesmo o princípio de um novo hábito a enraizar no chão fecundo da iniciativa popular.

Particular relevo também merece a ideia de Francisco Lyon de Castro sobre a realização de um Festival do Livro Português, em recinto fechado, compreendendo manifestações musicais e cinematográficas inspiradas na literatura, exposições de artes gráficas, publicidade relacionada com o livro, atracções diversas, etc. O Festival assim concebido visaria especialmente a propaganda do Livro. Ao lado desta iniciativa, propôs o mesmo Editor a realização de uma Feira Internacional do Livro em Lisboa, onde não faltariam multidões de interessados visitantes nem um esplêndido e vasto recinto para o certame: as instalações da Feira das Indústrias. Embora arrojada, a ideia poderá obter plena e satisfatória realização, uma vez que todos sabemos que o avanço e actualização das artes gráficas entre nós não nos deixaria mal colocados perante o que de melhor se faz lá fora.

Quinto e último aspecto a considerar — e este de suma importância para nós, bibliotecários-arquivistas: no dia que nos foi gentilmente dedicado, o 20 de Maio, para além da tradição dos protocolos cumprimentos, houve uma larga e frutuosa troca de impressões com o Ex.^{mo} Presidente, Dr. Borges de Castro, e outros Representantes do Grémio dos Editores e Livradores. Dum modo geral, todos somos de opinião que se torna necessário dar realização prática a muitos projectos que têm sido aflorados de longe a longe e que interessam editores, livradores e bibliotecários. As vantagens não seriam apenas unilaterais, mas mútuas, na medida em que essa colaboração condicionaria o melhoramento dos serviços a prestar por uns e outros.

Como exemplo, referiu-se o nosso Colega Dr. Jorge Peixoto à sociologia da leitura, campo vasto de estudo, a interessar, ao mesmo tempo, os três sectores ali representados. De facto, as estatísticas, colhidas em mais do que uma fonte ou mesmo uma simples e atenta observação, in loco e de visu, dos frequentadores de bibliotecas e livrarias, mostram que as camadas mais jovens da população se aprestam para constituir, dentro em pouco, uma percentagem esmagadora dos que lêem. É claro que, cingindo-nos ao aspecto técnico dos factos, não pode ter aqui oportunidade, como é evidente, o ponto de vista moral sobre a leitura da gente moça — isto é, o bom ou o mau livro que ela lê. Trata-se de um aspecto a considerar pela consciência de cada um e, sob o ponto de vista prático, pelos que têm por missão orientar a educação juvenil.

Por agora, diga-se que a juventude já não experimenta o mesmo entusiasmo que antes experimentava pelo livro de ficção — sem exceptuar a ficção científica — ou pelo livro de conteúdo romancado. Como acontece também com os adultos, o livro técnico, de matéria simplesmente expositiva, as antologias, e, sobretudo, o ensaio, merecem hoje as especiais preferências da gente nova.

Por seu lado, o nosso Colega Dr. Mário Costa tratou o candente tema da normalização. Sabendo nós que esta não é, de forma alguma, privativa dos serviços bibliográficos, mas se aplica às mais diversas actividades humanas, entre elas o comércio, as afirmações do Dr. Mário Costa tiveram o mais franco acolhimento, uma vez que da colaboração entre editores, livradores e bibliotecários pode resultar a adopção de novas normas e a particularização das já existentes, conforme por todos for reconhecido em estudos que eventualmente se venham a efectuar.

Além dos aspectos tratados, acreditamos que muitos outros teriam cabimento nos termos da desejada e útil colaboração que temos visto defendida. Ela mesmo, aliás, implica uma vasta série de consequências: o estudo do livro nos seus mil e um aspectos, a expansão do livro português e estrangeiro no mercado nacional e internacional, o papel da biblioteca como fomentadora da leitura e de iniciativas de interesse editorial (biblioteca e casa editora funcionando, por assim dizer, como suportes uma da outra), etc. Por mais urgente, cremos que a mesma colaboração se deveria traduzir, desde já, no estabelecimento de bibliografias ou na distribuição de fichas de obras anunciadas. É claro que não temos em mente o ambicioso projecto americano do «Cataloguing Shared Program». Pensamos, porém, que logo que as circunstâncias se proporcionassem e houvesse meios humanos, técnicos e materiais para isso (entre eles, um funcionamento em pleno do Catálogo Colectivo das Bibliotecas Portuguesas), se deveria elaborar um estudo capaz de tornar efectiva a colaboração de editores, livradores e bibliotecários nesse capítulo. Não seriam, talvez, fáceis os primeiros tempos. No entanto, após as hesitações do início, estamos certos de que se conseguiriam resultados satisfatórios para as partes interessadas.

*

A 38.^a Feira do Livro encerrou já as suas portas. Acabou como acabam todas as feiras — com a melancolia arrastada do último dia de vendas. Com saudades a viram partir os seus visitantes de todas as horas. Ficou mais só a Avenida. Mas mais sós, mais abandonados, ficaram aqueles que não quiseram ou não puderam comprar um livro. Porque aqueles que o compraram foi como se tivessem tido uma

inolvidável experiência, uma inolvidável viagem a mundos longínquos, às origens do Homem, à aurora do Sonho... E como homens acompanhados por outros homens, é com eles, sim, que continua a grande aventura do Livro. Mais: com eles continua também a Vida!

III Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses

1. Para corresponder ao voto formulado no II Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses, realizado na cidade de Lisboa em Abril de 1966, a Biblioteca Pública Municipal do Porto, sob o patrocínio do Ministério da Educação Nacional, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal do Porto, vai promover o III Encontro, de 10 a 13 de Outubro de 1968.

Terá este por objectivo o estudo de problemas técnicos mais actuais relativos à profissão e ao seu desenvolvimento, bem como o estreitamento da colaboração pessoal entre os especialistas de Biblioteconomia, Arquivística e Documentação.

2. Para o efeito, foram constituídos os seguintes Comissão e Conselho:

COMISSÃO ORGANIZADORA — *Presidente*: Prof. Doutor António Cruz, Professor da Faculdade de Letras do Porto e antigo Director da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Vice-Presidente: Dr. Sérgio da Silva Pinto, Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga.

Adjuntos da Presidência: Dr. António Magalhães, Bibliotecário-Chefe da Biblioteca Pública do Porto; e Dr. Egídio Guimarães, Director interino da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga.

CONSELHO EXECUTIVO — Eng. António Portocarrero, Bibliotecário da Faculdade de Engenharia do Porto (*Relator-Geral*). Dr.^a Celeste Paradela, Bibliotecária da Faculdade de Letras do Porto (*Tesoureiro*); Dr.^a Elisa Lumiar Ramos, Bibliotecária da Escola Superior das Belas-Artes do Porto (*Adjunto do Relator-Geral*); Dr.^a Maria Fernanda de Brito, Bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal do Porto (*Secretário-Geral*); Dr.^a Maria Teresa Pinto Machado, Bibliotecária da Biblioteca Pública Municipal do Porto (*Adjunto do Secretário-Geral*).

Organização provisória do Encontro:

3. Os trabalhos do III Encontro serão distribuídos pelas três secções adiante indicadas. As sessões de trabalho serão sucessivas, podendo assim cada participante assistir a todas elas.

Haverá Directores de Secção (em vez de Relatores, como anteriormente), com atribuições tendentes a orientar e a coordenar, desde já e no decurso do Encontro, os trabalhos das secções por que são responsáveis.

Para atingir aqueles objectivos, cada Director de Secção fornece um esquema resumido do respectivo tema, dentro do qual se deverão processar os trabalhos correspondentes; será, portanto, um *esquema coordenador de trabalhos*.

É, pois, da maior conveniência que as comunicações a apresentar se integrem em alguma destas subdivisões, para evitar a dispersão, sempre prejudicial.

Deste modo, para as comunicações, quer individuais, quer de grupos, dever-se-á de preferência escolher os temas especificados nos vários pontos dos esquemas (cada alínea destes poderá constituir um tema de comunicação).

No entanto, serão aceites comunicações sobre outros assuntos técnicos que constituam apreciável contribuição para o esclarecimento das questões relacionadas com biblioteconomia,

arquivística e documentação. A discussão destas será levada a efeito em mesas redondas, segundo a afinidade das matérias.

As sessões normais de trabalho serão consagradas à discussão das comunicações sobre os temas propostos.

Em princípio, não haverá relato geral prévio, em cada secção. Se o respectivo esquema for todo desenvolvido em comunicações, será o conteúdo destas discutido. Não se lerão, porém, as comunicações, mas poderão ser resumidas se tal for considerado conveniente.

Se parte de um tema não for objecto de comunicações, o Director fará sobre ela uma breve exposição.

Se um esquema se revelar longo de mais, o Director da Secção escolherá, no início das sessões, os pontos que deverão ser discutidos, pelo eventual interesse que apresente o seu desenvolvimento.

Os textos das comunicações e trabalhos apresentados serão distribuídos a todos os participantes, com a possível antecedência.

O prazo para a entrega daqueles terminará no dia 15 de Agosto de 1968.

4. SECÇÕES E TEMAS — I Secção — *Tema*: Catálogos ideológicos. *Director*: Dr.^a Maria Teresa Pinto Mendes.

ESQUEMA — 1. *O que se entende por catálogos ideológicos.* 2. *O catálogo sistemático.* 3. *O catálogo alfabético de matérias.* 4. *Indexação.* 5. *Os catálogos de tipo tradicional e a sua adaptação a futuras soluções mecânicas.*

II Secção — *Tema*: A Administração de arquivos. *Directores*: Dr. Alberto Iria e Dr. Carmelo Rosa.

ESQUEMA: 1. *Arquivos históricos.* 2. *Arquivos administrativos.*

III Secção — *Tema*: O apoio da documentação científica e tecnológica à planificação e ao desenvolvimento nacionais. *Director*: Dr.^a Maria Helena Porto Costa.

ESQUEMA: 1. *Aspectos sectoriais.* Sugestões: a) *Análise bibliográfica;* b) *Informática;* c) *A normalização na elaboração de bibliografias;* d) *A reprodução de documentos;* e) *Traduções.* 2. *Coordenações da documentação.*

5. INSCRIÇÕES — Dado o alto grau de tecnicidade requerido em todos os trabalhos apresentados e nas subsequentes discussões e, por outro lado, o interesse justificado que estes estudos têm para os não técnicos, no III Encontro haverá *Participantes* e *Observadores*.

— Serão *Participantes*:

- a) os diplomados com o curso de Bibliotecário-Arquivista, e os que o frequentam;
- b) Os funcionários superiores qualificados das Bibliotecas, Arquivos e Centros de Documentação do país.

— Serão *Observadores*: as pessoas de comprovado interesse pelos problemas relacionados com as Bibliotecas, Arquivos e Centros de Documentação.

— *Só os Participantes terão direito a intervir nos debates do Encontro.*

— As inscrições dos *Participantes* e dos *Observadores* deverão ser feitas até 30 de Julho de 1968. Custo: 80\$00.

- *Participantes e Observadores* poderão fazer-se acompanhar por pessoas de família. Inscrição destas: 100\$00.
- A cada inscrito será enviado um cartão de identidade, logo após a recepção do boletim de inscrição e do pagamento respectivo.

6 — **DIVERSOS** — Está previsto que todas as sessões se realizem no Porto, com excepção das da II Secção que decorrerão em Braga.

Também está em estudo a organização de exposições técnicas e bibliográfico-arquivísticas. Igualmente estão asseguradas algumas recepções e reuniões de convívio nas duas referidas cidades nortenhas.

Toda a correspondência relativa ao III Encontro deve ser dirigida a:

Secretaria-Geral do III Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses. Biblioteca Pública Municipal do Porto — Jardim de S. Lázaro, PORTO. Telef: 32860.

Normalização

A Portaria n.º 23 415 inserta na 1.ª Série do *Diário do Governo* de 3 de Junho de 1968, aprova a revisão das normas NP-21 (1960) — *Papel. Colheita das amostras*; NP-27 (1960) — *Papel. Condicionamento das amostras*; e NP-240 (1961) — *Cadernos para fins escolares*, feita nos termos do artigo 9.º do Estatuto de Normalização.

Grupo de Estudos e Terminologia Científica e Técnica em Língua Portuguesa (Getelipo)

Este grupo, que tem o seu secretariado no Centro de Documentação Científica Ultramarina, tem como actuais temas em estudo a definição dos seguintes conceitos: energia nuclear; cibernética, computação; astrofísica, ciências relativas ao espaço exterior. São membros delegados as seguintes individualidades: Eng. Afonso Fernandes, do Laboratório Nacional de Engenharia civil; Eng. Gama Carvalho, do Laboratório de Física e Energia Nucleares; Prof. Eng. Pedro de Mendonça, do Instituto Superior de Agronomia; Dr. Joaquim da Cruz e Silva, da Escola Superior de Medicina Veterinária; Dr. Fernando Bragança Gil, do Instituto de Alta Cultura; Dr. Zeferino Paulo (coordenador), da Junta de Investigações do Ultramar; Eng. Cansado Taveres, da Ordem dos Engenheiros; Tenente-Coronel João Remígio dos Santos, do Instituto de Altos Estudos Militares; Dr.ª Maria de Lourdes Vion, do Centro de Cálculo Científico Calouste Gulbenkian; Coronel Cesário Marques Pereira Montez, do Centro de Catalogação das Forças Armadas e Secretariado Geral da Defesa Nacional; Coronel-Aviador Amadeu José Ferreira, da Secretaria de Estado da Aeronáutica; Prof. Doutor Carlos Teixeira, da Faculdade de Ciências de Lisboa; Doutor José Tiago Oliveira, da Faculdade de Ciências de Lisboa; Prof. Doutor Lindley Cintra, da Faculdade de Letras de Lisboa; e Prof. Doutor António da Silveira, do Instituto de Física e Matemática.

Como observadores permanentes o *Getelipo* tem os seguintes: Dr. Oto Lara Resende, dos Serviços Culturais da Embaixada do Brasil; Dario Gonçalves, dos Serviços Mecanográficos do Ministério das Finanças; Doutor Jorge Morais Barbosa, da Missão de Estudos do Rendimento Nacional do Ultramar; Dr. Bandeira Ferreira, da Secção de Estudos de Linguística da

Sociedade de Geografia de Lisboa; Eng. Odete Henriques, do Centro de Documentação da Companhia União Fabril; Dr. José Januário, da IBM Portuguesa; Dr. Fernando Barreto Braga, da Bull General Electric Portuguesa; Dr. Fernando Malato, da NCR Company of Portugal; e Dr. Fernandes Costa, da Univac.

No 2.º trimestre de 1968 o *Getelipo* teve quatro reuniões.

Verbas atribuídas para 1968 pelo III Plano de Fomento

Nas verbas atribuídas no III Plano de Fomento para 1968 encontram-se as seguintes atribuídas a Bibliotecas e Arquivos ou para actividades afins:

A — ACTIVIDADES

1) Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes — Trabalhos de elaboração das «Regras Portuguesas de Catalogação», do «Roteiro das Bibliotecas Portuguesas» e do «Catálogo Colectivo dos Incunábulo existentes nas Bibliotecas Portuguesas» — 300 contos.

I — Universidade de Coimbra

- 2) Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra — Elaboração e publicação do Catálogo de Miscelâneas — 50 contos.
- 3) Faculdade de Letras — Curso de actualização de bibliotecários-arquivistas — 40 contos.
- 4) Idem — Elaboração do catálogo colectivo da Faculdade — 40 contos.
- 5) Faculdade de Direito — Trabalhos extraordinários de catalogação — 25 contos.
- 6) Idem — Beneficiação de espécies bibliográficas — 40 contos.
- 7) Faculdade de Ciências—Química—Beneficiação das espécies bibliográficas—35 contos.

II — Universidade de Lisboa

- 8) Universidade de Lisboa — Estudos sobre o melhoramento dos serviços e reorganização dos arquivos da Reitoria — 60 contos.
- 9) Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Dr. Leite de Vasconcelos — Trabalhos extraordinários de inventariação e catalogação — 20 contos.
- 10) Faculdade de Letras — Trabalhos extraordinários de catalogação — 100 contos.
- 11) Faculdade de Direito — Trabalhos extraordinários de catalogação da biblioteca do Instituto Jurídico — 60 contos.
- 12) Faculdade de Medicina — Organização do ficheiro da Biblioteca do Instituto de Histologia e Embriologia — 40 contos.
- 13) Faculdade de Ciências — Física — Organização de ficheiros — 6 contos.

III — Universidade do Porto

- 14) Faculdade de Medicina — Trabalhos extraordinários de catalogação — 30 contos.
- 15) Idem — Publicação do catálogo do Museu de História da Medicina — 20 contos.
- 16) Faculdade de Ciências — Trabalhos extraordinários de catalogação — 60 contos.

IV — *Bibliotecas várias*

- 17) Museu Nacional de Arte Antiga — Actualização do inventário, do arquivo fotográfico e dos ficheiros da biblioteca — 30 contos.
- 18) Museu Nacional dos Coches — Trabalhos extraordinários de inventariação e catalogação — 20 contos.
- 19) Biblioteca Nacional de Lisboa — Organização do Catálogo Colectivo das Bibliotecas Portuguesas — 100 contos.
- 20) Biblioteca da Ajuda — Trabalhos extraordinários de catalogação — 30 contos.
- 21) Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora — Idem — 20 contos.
- 22) Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga — Idem — 20 contos.
- 23) Arquivo Distrital de Viseu — Idem — 20 contos.
- 24) Biblioteca Popular de Lisboa — Preparação e publicação de um inventário topográfico de obras de autores nacionais e estrangeiros sobre literatura portuguesa — 20 contos.
- 25) Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Angra do Heroísmo — Elaboração e publicação de inventário — 20 contos.

O total das verbas atribuídas, quanto a *Actividades*, para 1968, pelo III Plano de Fomento, foi de 65 000 contos.

B — *REAPETRECHAMENTO*

- 1) Arquivo Nacional da Torre do Tombo — Aquisições várias — 200 contos.
- 2) Biblioteca da Ajuda — Idem — 10 contos.
- 3) Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora — Idem — 20 contos.
- 4) Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga — Idem — 10 contos.
- 5) Arquivo Distrital de Viseu — Idem — 120 contos.

I — *Universidade de Coimbra*

- 6) Faculdade de Letras:
 - a) Máquina de offset — 170 contos.
 - b) Duplicador — 25 contos.
 - c) Bibliografia — 80 contos.
- 7) Faculdade de Ciências:
 - a) Matemáticas aplicadas — Fotocopiador e duplicador — 28 contos.
 - b) Matemática pura — Bibliografia — 15 contos.
 - c) Matemática aplicada — Bibliografia — 20 contos.
 - d) Física — Bibliografia — 15 contos.
 - e) Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico — Bibliografia — 10 contos.
 - f) Zoologia — Bibliografia — 15 contos.
 - g) Instituto Geofísico — Bibliografia — 15 contos.
- 8) Faculdade de Direito:
 - a) Bibliografia — 100 contos.
 - b) Duplicador — 15 contos.
 - c) Aparelho de microfilme — 55 contos.
- 9) Faculdade de Medicina — Bibliografia — 90 contos.

- 10) Escola de Farmácia:
 a) Bibliografia — 50 contos.
 b) Laboratório de Farmacognosia — Bibliografia — 10 contos.
 c) Laboratório de Criptogamia e Fermentações — Bibliografia — 15 contos.

II — *Universidade de Lisboa*

- 11) Faculdade de Letras:
 a) Máquina de copiar a seco — 12 800\$00.
 b) Bibliografia — 50 contos.
 12) Faculdade de Direito:
 a) Aparelhagem de microfilmagem — 80 contos.
 b) Ficheiros, leitores de microfímes, duplicador, etc., para o Instituto Jurídico — 50 contos.
 c) Bibliografia — 100 contos.
 13) Faculdade de Ciências:
 a) Bibliografia — 100 contos.
 b) Laboratório de Física — Bibliografia — 15 contos.
 c) Laboratório de Química — Bibliografia — 25 contos.
 14) Faculdade de Medicina — Bibliografia — 90 contos.
 15) Escola de Farmácia — Bibliografia — 60 contos.

III — *Universidade do Porto*

- 16) Faculdade de Letras — Bibliografia e outra documentação — 100 contos.
 17) Faculdade de Economia:
 a) Máquina de fotocópia — 6 contos.
 b) Bibliografia e outra documentação — 120 contos.
 18) Faculdade de Ciências:
 a) Bibliografia — 60 contos.
 b) Observatório Astronómico — Bibliografia — 10 contos.
 c) Laboratório de Química — Bibliografia — 30 contos.
 19) Faculdade de Medicina — Bibliografia — 90 contos.
 20) Faculdade de Engenharia:
 a) Tecnologia química e industrial — Bibliografia — 10 contos.
 b) Química Orgânica — Bibliografia — 10 contos.

IV — *Universidade Técnica de Lisboa*

- 21) Instituto Superior Técnico — Bibliografia — 120 contos.
 22) Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras — Bibliografia — 100 contos.
 23) Escola Superior de Medicina Veterinária — Bibliografia — 80 contos.
 24) Instituto Superior de Agronomia — Bibliografia — 100 contos.

As verbas para Reapetrechamento somaram a importância de 15 735 contos.

Exposição de Livros sobre Organização, Gestão de Empresas e Marketing

Integrada no II Encontro de Exportadores Portugueses, o Banco Português do Atlântico organizou uma «Exposição de Livros sobre Organização, Gestão de Empresas e Marketing», que esteve patente na Sociedade Nacional de Belas Artes, de 9 a 16 de Maio.

As espécies encontravam-se agrupadas por assuntos: Promoção de vendas, Marketing, Publicidade, Estatística, Automação, Organização, Gestão, etc., além de uma secção de Publicações Periódicas.

Houve, da parte dos organizadores, o intuito de apresentar apenas obras não esgotadas e de fácil aquisição, dado que a exposição tinha objectivos essencialmente práticos. Na «Nota de Abertura» do Catálogo salientava-se a importância crescente que vai tendo (ou que deve vir a ter) a Biblioteca de Empresa, não só para os elementos directivos como para todos os seus componentes, pois a experiência se tem encarregado de demonstrar os bons resultados obtidos.

Como complemento a esta exposição bibliográfica — na qual estavam incluídos mais de 700 livros técnicos em inglês, francês, espanhol e português — foi exposto vário equipamento mecanográfico de aplicações diversas: Gestão administrativa, Gestão fabril, Cálculo científico, etc.

Durante a inauguração da exposição falou o sr. Artur Cupertino de Miranda, presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico, que salientou a importância do livro técnico no mundo de hoje, considerando-o instrumento imprescindível de valorização profissional.

Referindo-se à actividade editorial portuguesa em 1963, no respeitante a obras técnicas traduzidas, apresentou as seguintes percentagens: as obras literárias constituíram 81 por cento das traduções, enquanto que as obras técnicas, de ciências sociais, de ciências puras e aplicadas, apenas os restantes 19 por cento.

Baixo índice para o nosso tempo! É de crer que os números tenham sido mais animadores em relação aos últimos anos — assim o esperamos — mas o facto é que estamos longe de alcançar o país irmão, onde, à mesma data, a percentagem dos livros técnicos publicados em tradução portuguesa excedia os 50 por cento da totalidade de traduções. Tal circunstância explica a presença de tantas edições brasileiras na referida exposição.

O certame foi encerrado com duas conferências. A primeira, proferida pelo sr. Fernando Alves Martins, teve por tema: *O computador ao serviço da empresa*. Seguidamente, falou o nosso colega Dr. Carlos Estorninho, que acentuou a importância da investigação no progresso económico do mundo moderno. Esta palestra, que a Redacção de «Cadernos» publica como fecho de notícia, agradecendo ao Autor a gentileza de no-la remeter na íntegra, subordinou-se ao título:

A INVESTIGAÇÃO, AS BIBLIOTECAS E A EMPRESA

Uma das principais características da época actual é, sem dúvida, o grande desenvolvimento adquirido nas recentes décadas pela técnica, de tal forma que, não obstante estarmos ainda muitíssimo longe de aproveitar plenamente todas as potencialidades das descobertas científicas que, aos milhares, surgem todos os anos, ser já a nossa era designada por Idade da Tecnologia, ou da Revolução Tecnológica.

Esta explosão de tecnologia a que estamos a assistir de olhos bem abertos e de cujos benefícios estamos a usufruir permanentemente, mesmo nas mais insignificantes circunstâncias,

aspectos e actividades da nossa vida quotidiana, é o resultado dos vastíssimos programas e projectos de investigação que governos, universidades e, sobretudo, a indústria dos países mais desenvolvidos têm levado a cabo, sob premente pressão das suas tremendas necessidades e responsabilidades perante os cada vez mais graves problemas de natureza militar, social e económica que enfrentam neste mundo armado e implacavelmente competitivo em que vivemos.

A investigação ganhou formidável ímpeto a partir da Segunda Guerra Mundial, mas já 20 ou 30 anos antes, os responsáveis pelos destinos dos povos principiaram a reconhecer a sua vital importância para garantir, quer militar, quer economicamente, a sobrevivência dos seus respectivos países, e, perante a crescente complexidade, gravidade e extensão dos problemas que todos os dias vão surgindo, se convenceram cada vez mais de que a própria existência, o bem estar e a prosperidade da nação dependem sobretudo dum extensivo e compreensivo programa de investigação.

Depressa, de quase monopólio do mundo académico, com cunho essencialmente individual, portanto lenta e aleatória, a investigação passou a constituir uma das principais preocupações dos governos e da indústria, agora de longe os principais responsáveis pela sua promoção e financiamento, continuando, porém, as universidades a desempenhar o papel de alfofre de investigadores e técnicos.

As necessidades da indústria, interessada sobretudo na resolução dos seus problemas específicos, constituem hoje uma importante força motivadora no progresso das ciências.

A indústria verificou que, para expandir os seus mercados, melhorar os seus produtos e integrar-se efectivamente na estrutura social contemporânea, deve realizar programas de investigação numa grande variedade de campos e, por isso, está a destinar importantes verbas do seu orçamento para este efeito.

O contraste entre a investigação fundamental ou de base, empreendida sem atender ao valor prático imediato, mais preocupada com o avanço da ciência do que em resolver dificuldades específicas, e a industrial, foi-se atenuando com o alargamento progressivo do âmbito desta última, que passou agora a abranger também não só o estudo sistemático das operações industriais, manuseamento de materiais e planeamento de instalações, mas ainda, dum modo geral, da eficiência económica da indústria, contribuindo, assim, decisivamente, para elevar o nível de produtividade mediante uma melhor utilização dos recursos humanos e materiais.

Devido à interdependência da grande variedade de especializações que recaem sobre os problemas que confrontam a sociedade actual, à complexidade da moderna aparelhagem necessária, à necessidade de acelerar a obtenção de resultados, e ao custo cada vez maior dos projectos da investigação, esta passou a ser planeada e realizada através duma combinação de esforços de muitos indivíduos trabalhando em concerto ou em equipas no seu ataque na resolução de determinado projecto no âmbito dum programa específico. Por outro lado, o ritmo crescente da investigação industrial em todo o mundo levou à sua concentração em unidades cada vez maiores, controladas por grandes organizações, agrupamentos industriais ou pelo próprio Estado. Muitos problemas são tão vastos e complicados que têm de ser abordados à escala internacional, em projectos de conjunto, não obstante as lutas de interesses que separam as nações.

Como é óbvio, as despesas com a investigação têm crescido fantásticamente nos últimos 30 anos. Verificou-se, porém, que o produto nacional bruto e as despesas com a investigação caminham a par, o que sugere uma correlação entre si.

Apressando a introdução de novos produtos, fazendo baixar os custos da produção e de manutenção, aumentando a duração útil dos artigos, expandindo mercados para os artigos

produzidos e melhorando a utilidade dos sucedâneos — a investigação contribui decisivamente para o crescimento da economia nacional.

Em Inglaterra, por exemplo, as despesas totais da investigação não andam agora longe de mil milhões de libras por ano (70 milhões de contos), o que representa cerca de 3 por cento do produto nacional bruto.

Na indústria, a relação entre os gastos com a investigação e o investimento capital é de 5 a 10 por cento, e vai já sendo habitual destinar uma proporção do total do seu movimento anual — cerca de 3 por cento — para estas despesas.

A palavra «investigação» evoca geralmente a imagem dum laboratório recheado de retortas, com homens de bata branca a examinar cuidadosamente tubos de ensaio ou a espreitar pelo microscópio.

Ora, levando todos os campos do saber em consideração, podemos dizer que se fazem mais investigações nas bibliotecas do que nos laboratórios. A comunicação gráfica ainda constitui a fonte mais importante da transmissão do conhecimento, o elemento principal na formação e na informação do investigador. Logo de início se reconheceu que as bibliotecas são de primacial importância para a investigação, pois é nelas que os investigadores fazem as suas sondagens e consideram o saber que é posto à sua disposição através dos livros e de outra literatura especializada. Torna-se óbvio que qualquer investigação laboratorial terá de ser precedida e acompanhada por adequada investigação de estudo nas bibliotecas. A biblioteca é, pois, a ferramenta essencial da investigação e da descoberta. As horas passadas na biblioteca correspondem a muitas horas poupadas nos laboratórios.

Isto levou à afirmação de que as descobertas verdadeiras são, de facto, feitas nas bibliotecas e, subsequentemente, postas à prova nos laboratórios.

A importância das bibliotecas na investigação já não está apenas nos livros, mas agora, sobretudo em revistas, relatórios, comunicações e outros materiais impressos de interesse e importância para a investigação.

O maior problema que confronta os investigadores e cientistas de hoje é o de se conservarem a par dos progressos correntes no seu ramo de saber e actividade. A natureza global da exploração científica torna o acesso à literatura significativa aparecida em determinado campo ou ramo, em qualquer lugar, numa necessidade capital. Detectar esta literatura, participar a sua existência e consegui-la para o investigador é a função das bibliotecas especializadas.

Segundo cálculos feitos, são publicados anualmente, no mundo, em todas as línguas, cerca de 90 mil livros técnicos e científicos, — à volta de 25% da produção livreira total — elevando-se aproximadamente a 75 mil o número de revistas de literatura técnico-científica, que inserem cerca de 375 mil artigos e estudos de significado para algum ramo de investigação, além de 100 mil outros relatórios de investigação que permanecem fora das vias normais de publicação e inventariação. Parte importante desta literatura é escrita em línguas desconhecidas aos cientistas ocidentais, como o russo e o japonês.

Está calculado que esta produção venha a atingir o dobro dentro de 15-20 anos.

Mais importante do que a magnitude física desta literatura é a sua complexidade, que deixou de ser predominantemente geral e sintética, para ser altamente especializada e analítica.

Pertence, pois, à Biblioteca realizar a localização do máximo possível do conhecimento e informação e apresentá-lo em forma acessível e cientistas e tecnologistas ocupados nas suas investigações ou aplicações industriais.

Os objectivos principais duma biblioteca especializada são os de recolher, organizar e transmitir informação actualizada importante, necessária ao trabalho da empresa, e conservar

o seu pessoal responsável na administração, produção, investigação e «marketing» (prospecção do mercado) informado dos progressos científicos e técnicos verificados no seu sector, a fim de esta poder competir com êxito com os seus rivais, e proporcionar facilidades de estudo e investigação a esse pessoal.

Cabe também à Biblioteca elaborar índices, fazer circular listas classificadas de literatura recente, apresentar resumos, na língua original ou em tradução, dos principais artigos de revistas, fazer reproduções em fotocópias ou microfilmes, etc.

As empresas já reconheceram que um dos processos mais eficazes de aumentar a produtividade do seu pessoal de investigação está na eficiência do planeamento da sua investigação através duma boa informação conseguida na extensão dos recursos da biblioteca. Colecções bem organizadas e sempre actualizadas a cargo de bibliotecários habilitados e habituados ao uso das modernas técnicas de informação, reduzirão ao mínimo os desperdícios e ineficiências resultantes da duplicação do esforço de investigação e, ao mesmo tempo, aumentarão ao máximo as oportunidades para a identificação e realização de veículos proveitosos de actividade investigadora.

Qualquer empresa moderna com organização científica depende da sua biblioteca para toda a espécie de informação pertinente às suas necessidades — informação registada em livros, periódicos, relatórios, opúsculos, catálogos, documentos oficiais e, até, em documentos não publicados ou de circulação restrita.

Este serviço, tal como a administração, a contabilidade, o «marketing», as relações públicas, é vital para a empresa se manter competitiva, e todas elas, através do apoio que fornecem aos esforços da investigação, que abrange não só os campos económicos, mas também os científicos, contribuem para o destino económico do país.

Simpósio Regional da Africa Austral sobre Informação Científica e Técnica

Promovido pelo South African Council of Scientific and Industrial Research (CSIR) e pela Associação Industrial de Moçambique (AIM), realizou-se em Lourenço Marques, de 2 a 6 de Julho, o 66.º Congresso Anual da Associação Sul-Africana para o Progresso da Ciência, no qual se integrou, também, o Simpósio Regional da África Austral sobre Informação Científica e Técnica.

Foram participantes, além das províncias ultramarinas de Angola e Moçambique, Portugal metropolitano, a República da África do Sul e a Rodésia.

A Comissão Portuguesa Coordenadora do 66.º Congresso da Associação Sul-Africana para o Progresso da Ciência (ASAPC) foi presidida pelo Prof. Doutor José Veiga Simão (EGUM), e dela fizeram parte os Engs. Emílio Mertens (SEM) e Vítor Machado de Carvalho (AIM). A Comissão metropolitana organizadora do Simpósio era constituída pelos Engs. Silva Serra (INII), Cansado Tavares (CDTE), Nuno Martins (LNEC), M. Odete Henriques (CUF) e Dr. Zeferino F. Paulo (CDCU).

O Simpósio teve por objectivos a troca de impressões e experiências no domínio da informação científica e técnica, o estreitamento de contactos entre os Centros de Documentação e Informação da África Austral, uma melhor coordenação de actividades a nível interno, em relação ao território de cada país participante, e a nível externo, o estabelecimento de um plano de cooperação entre os territórios da África Austral, entre a África Austral e a Europa e o Brasil, constituindo Portugal metropolitano a necessária ponte entre os três mundos; uma

mentalização de todos e particularmente dos industriais, no que respeita ao interesse da documentação e informação das técnicas de documentologia e informática.

No decorrer do Simpósio foram debatidos os temas: aspectos e problemas da informação para cientistas e técnicos, progressos no domínio da documentação e informação, aspectos e problemas da informação para a indústria.

Conferência sobre iluminura medieval

No dia 17 de Junho, o Sr. Prof. Dr. René Crozet, director honorário do Centro de Estudos Superiores de Civilização Medieval da Universidade de Poitiers e professor honorário da Faculdade de Letras e Ciências Humanas daquela cidade, proferiu uma interessante conferência, na Faculdade de Letras de Coimbra, acompanhada de projecções a cores, sobre os principais aspectos da iluminura medieval através da Idade Média, principalmente em França, focando os diversos períodos e as influências dominantes em cada um deles.

Reuniões de bibliotecários

Em prosseguimento das sessões de trabalho iniciadas em Fevereiro último, os colegas do Porto e de Coimbra reuniram-se, mais uma vez no dia 28 de Junho, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, para debate dos três pontos incluídos na agenda.

1 — Leitura e discussão do conteúdo de um artigo publicado no «Diário Popular», de 30-5-68, *A divulgação da cultura e o funcionamento das bibliotecas e arquivos*, e definição da posição a assumir em face de uma crítica mal intencionada, que desprestigia a nossa classe profissional.

2 — Apreciação e crítica de um estudo do Dr. Henrique Martins de Carvalho — *Educação permanente* — publicado pelo Ministério da Educação Nacional — Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, em *Trabalhos preparatórios do Estatuto da Educação Nacional*, vol. 3.º, Lisboa, 1968.

3 — Discussão de problemas relacionados com o III Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses.

Exposição cartográfica e iconográfica no Arquivo Histórico Ultramarino

Integrada no programa das comemorações do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, foi inaugurada no passado dia 24 de Junho, no Arquivo Histórico Ultramarino, uma exposição cartográfica e iconográfica, organizada por um grupo chefiado por Ragual Pouzão Lopes, sob a superior orientação do director do Arquivo, Sr. Dr. Alberto Iria.

Dentro do programa da exposição, houve ali, a partir do dia 1 de Julho, um ciclo de conferências, proferidas por conhecidos historiadores.

Exposição de documentos e bibliografia medieval

No passado mês de Junho, integrada no Congresso Luso-Espanhol de Estudos Medievais realizado na cidade do Porto, efectuou-se na Casa do Infante uma exposição de documentos e bibliografia medieval, organizada pelo director, Doutor António Cruz, bibliotecários e arquivistas da Câmara Municipal desta cidade. Entre outros códices que marcam a cultura portuguesa medieval realçavam: *Rabani Mauri expositionis*; *Vitae Sanctorum*; *Comentum in Epistolis B. Pauli Sancti Augustini*; *Ecclesiasticae Historiae*; alguns Breviários e Psaltérios; *Livro das Aves*; *Vitae Sancti Theotonii*; *Livro da Corte Imperial*; *Crónica de D. Afonso Henriques*, por Duarte Galvão; *Crónicas de D. Afonso Henriques, D. Sancho I, D. Sancho II, D. Afonso III e Memórias sobre o Infante D. Pedro e os cinco Mártires de Marrocos*; *Crónica de El-Rei D. Sancho I*, de Rui de Pina; *Resumo das crónicas dos treze primeiros Reis*; *Miscelânia referida ao Mosteiro de Santa Cruz*, por D. José de Brito, etc., e dois documentos sobre o Couto de Tibães; *Livro Grande*, com a assinatura de Fernão Lopes e *Livro 1.º das Vereações (1390-1395)* — estes, das colecções privadas do Gabinete e História da Cidade.

Numa das sessões de estudo do Congresso foi apresentada pelo Dr. Jorge Peixoto, bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, uma comunicação sobre «Comercialização do manuscrito medieval», encarado sob o ponto de vista codicológico e como objecto económico, acompanhada de vária documentação portuguesa.

A Biblioteca e o Museu Municipal da Figueira da Foz, centros de cultura

Em notícia inserta no jornal «A Capital», de 22 de Maio passado, subordinada ao título «Edições da Biblioteca e Museu Municipal da Figueira da Foz», é posta em relevo a notável obra de cultura regionalista destas instituições. Recorda-se o seu património artístico e literário, este constituído por cerca de 100 000 volumes com um núcleo importante de obras sobre a Figueira da Foz, e dentro da acção cultural desenvolvida por estas duas instituições, refere-se a publicação de obras de ilustres figueirenses sobre a história e instituições locais e a criação dos Grupos dos Amigos do Museu e da Biblioteca da Figueira da Foz.

A biblioteca em cooperação com o ensino

Numa perspectiva de actualização das actividades escolares, efectuou-se, no mês de Maio, a visita de estudo de uma pequena equipa de alunos da Escola Industrial e Comercial da Figueira da Foz à Biblioteca Municipal da mesma cidade. A visita foi orientada no sentido de dar uma visão de conjunto e ao mesmo tempo levar à compreensão da função cultural viva hoje exercida pelas bibliotecas. Para além da visita, procurou-se despertar nos alunos o interesse pela Biblioteca, levando-os a apresentar relatórios e, por meio de colóquio, troca de impressões com os restantes colegas.

Registamos com interesse esta notícia. De facto, visitas organizadas com este sentido cultural, criando nos jovens o estímulo para uma frequência assídua como leitores, são sintomas de que os educadores estão conscientes do valor da Biblioteca como indispensável cooperadora do ensino na formação dos jovens escolares.

Exposição-Mercado do Livro Italiano

Sob o patrocínio da Câmara de Comércio Italiana e do Instituto Italiano de Cultura, realizou-se em Lisboa, de 18 de Junho a 2 de Julho, na Livraria Quadrante, uma Exposição-Mercado do Livro Italiano.

Inaugurada pelo embaixador de Itália em Lisboa, esta exposição prestou um notável contributo para a difusão, entre nós, dos livros em questão.

Reuniu cerca de mil exemplares de uns cinquenta editores, sendo de salientar as publicações de arte e as científicas cuja apresentação e conteúdo traduzem o que de melhor se edita actualmente em Itália.

Énio da Silveira em Lisboa. Vai criar-se no Brasil o Centro do Livro Português

Aproveitando a vinda a Lisboa de Énio da Silveira, fez o articulista do jornal «A Capital» (22 de Maio de 1968, Suplemento Literatura e Arte, p. 6.) uma entrevista ao Director-proprietário da Editora-Civilização Brasileira, em que aquele editor de grande parte dos livros portugueses no Brasil põe em evidência o interesse da criação, naquele país, do Centro do Livro Português.

Reconhecendo que até agora o livro português tem sido trabalhado de modo académico e imperfeito, sem qualquer esforço sistemático, entusiasmado com a pujança editorial portuguesa ainda recentemente patenteada na Feira do Livro, Énio da Silveira reconhece ser absolutamente indispensável desenvolver um trabalho promocional, dinâmico, tendente a renovar a expansão do mercado que se supõe existiu no Brasil para o livro português.

No seguimento desta ideia, um grupo brasileiro, em colaboração com um grupo português, movidos sobretudo pelo desejo de contribuir para o estabelecimento prático e objectivo da comunidade cultural luso-brasileira, propõe-se abrir no Rio de Janeiro e em S. Paulo, centros de venda ao público e, simultaneamente, centros de irradiação de venda, por atacado, do livro português.

As bibliotecas Gulbenkian ao serviço da educação

O «Diário Popular» de 16-5-68 insere, na p. 1 do seu «Suplemento», uma curta mas elucidativa notícia sobre a acção desenvolvida pela Fundação Gulbenkian que, utilizando o melhor veículo da instrução e da cultura, continua a promover a sua vasta campanha de instrução pública — com todo o êxito, segundo se depreende das estatísticas.

E nós, bibliotecários, os mais fervorosos crentes no poder educacional do livro, verificamos com justificada satisfação, através do documento objectivo das estatísticas, que o gosto e o hábito da leitura se vão radicando no nosso país.

Efectivamente, o «Boletim Informativo» dos Serviços de Bibliotecas Calouste Gulbenkian (n.º 10, 1968) registava, em relação ao ano de 1966, os seguintes números: 122 343 leitores inscritos nas bibliotecas fixas e 1 369 711 de obras emprestadas nesse tipo de bibliotecas. No ano seguinte, verificou-se um acréscimo no número de leitores e de obras emprestadas, respectivamente, de 23 686 e de 186 685 — o que representa um total de 146 029 leitores e de 1 556 396 obras.

As bibliotecas itinerantes acusaram também os mesmos elevados índices. Em 1967, o número total destas bibliotecas subiu de 186 para 205, mais 19, por conseguinte, do que no ano transacto; além disso, nesse mesmo ano passaram a ser servidas 3 555 povoações, aumentando de 147 o número de povoações beneficiadas em comparação com o ano anterior.

Em 1967, o número total de obras emprestadas foi de 4 767 782 — o que significa um aumento de 258 026 no espaço de um ano — e, durante nove anos e meio, a Fundação pôs a circular 30 557 572 obras.

O número de leitores inscritos em Dezembro de 67 elevou-se para 469 073, isto é, mais 92 320 leitores. Desse total, 313 655 são crianças ou adolescentes e 155 418, adultos.

Resta acrescentar que o número global de leitores em 1967 foi de 1 427 687, resultado que acusa, relativamente a 1965, um acréscimo de 147 213 leitores e, em relação a 1966, um pequeno decréscimo (7 773).

As estatísticas revelam ainda que se verificou um acréscimo na circulação de obras de carácter cultural e de informação científica — facto que traduz só por si os anseios e as preocupações culturais do público leitor.

É com vivo interesse que seguimos esta intensa campanha em favor da cultura, convictos de que a cooperação entre a educação e a biblioteca começa a ser, entre nós, uma realidade encorajante.

Inauguração de uma biblioteca Gulbenkian em Vila Real

«Cadernos», atentos à companhia cultural em curso promovida pela Fundação Calouste Gulbenkian, registam com prazer a inauguração de uma nova biblioteca fixa da Fundação, com um recheio inicial de 6 000 volumes e que se destina a ser aumentado progressivamente.

O acto solene registou a presença das autoridades locais e ficou assinalado pelo discurso do presidente do Município de Vila Real. O orador expressou a sua satisfação pelo facto da cidade possuir finalmente a sua biblioteca e manifestou a esperança de que a biblioteca agora fundada viesse arrebatara a juventude ao convívio fútil de cervejarias e cafés, criando-lhe o gosto pela leitura. Anunciou ainda que em breve ficará a funcionar ao lado desta, também no edifício da Câmara Municipal, a biblioteca camarária — cuja dependência já está adaptada para esse efeito.

Como representante da Fundação Calouste Gulbenkian falou o escritor transmuntano, Dr. Domingos Monteiro, que pôs em relevo os benefícios prestados pela Fundação à causa da cultura, fazendo circular por todo o país, até ao presente, seis milhões de livros.

Distribuição de vinte bibliotecas pelo Município de Lisboa

A Câmara Municipal de Lisboa, interessada em estimular o gosto pela leitura e em continuação da sua actividade neste sentido, distribuiu, recentemente, vinte bibliotecas num total de seis mil livros, sobre formação moral e espiritual, divulgação histórica e científica e de carácter recreativo. Com esta distribuição, perfez-se o número de 286 bibliotecas oferecidas pelo Município ao longo de nove anos, principalmente a colectividades de cultura popular e recreio e a centros paroquiais de diversas freguesias. Uma destas bibliotecas foi oferecida à Sinagoga «Shaare Tikva».

É com regozijo que assinalamos esta campanha em favor da promoção da cultura lisboeta.

O livro espanhol em 1967

A Espanha exportou em 1967, segundo dados do relatório sobre a produção e o comércio do livro preparado pelo Instituto Nacional del Libro Español e apresentado ao Conselho de Ministros pelo titular do Departamento de Información y Turismo, cerca de 18,5 milhões de quilos em publicações — 5,11 por cento mais que em 1966 — por um preço de quase 2 600 milhões de pesetas (cerca de 1 079 milhares de contos).

O crescimento, embora importante, é, no entanto, inferior ao alcançado no ano precedente, o que é devido às desvalorizações que se produziram na Argentina, Colômbia e Peru.

Os principais mercados dos livros espanhóis são Argentina, México, Venezuela, Chile e Colômbia e os de publicações periódicas França, Argentina, Alemanha, Venezuela e Itália.

As perspectivas deste tipo de exportação são dadas pelos seguintes factos:

- Situação firme do mercado hispano-americano, com aumento de exportações, ainda que mereça preocupação o aumento de exportações americanas e os planos de expansão cultural dos Estados Unidos.
- As desvalorizações hispano-americanas prejudicam o livro espanhol. Considera-se conveniente o estabelecimento de um seguro de câmbio, com apoio estatal, e participação nos prémios pagos pelos exportadores e importadores.
- Convém fomentar a venda de edições integrais a países estrangeiros, especialmente europeus, de livros impressos em Espanha, o que requer maior agilidade na tramitação da importação temporária do papel estrangeiro.
- Foi decisiva para favorecer a exportação a política de reduções fiscais, que deverá manter-se e robustecer-se.

O sector das publicações é um dos poucos em que a Espanha é ao mesmo tempo vendedor e comprador. No que se refere aos livros, o saldo comercial é-lhe muito favorável, aproximando-se de 1 800 milhões de pesetas (cerca de 747 milhares de contos) em 1967. Por cada peseta paga ao estrangeiro pela compra de livros, recebe 3,2 pesetas pela exportação de publicações.

O consumo de papel editorial foi de umas 71 000 toneladas.

Em 1967 editaram-se em Espanha 11 000 livros, o que significa um aumento de 5 000 em relação a 1958. É notável a difusão de livros de bolso e de grandes obras em fascículos, mas escasseiam as edições de livros de bolso de carácter decididamente popular.

As feiras do livro revelaram-se como um dos meios mais eficazes para a difusão das publicações espanholas, o desenvolvimento editorial e o comércio de livraria.

153 Bibliotecas Públicas Municipais criadas em três anos (Espanha)

O Serviço Nacional de Leitura dependente da Direcção-Geral de Arquivos e Bibliotecas do Ministério da Educação e Ciência de Espanha desenvolveu nos últimos anos uma considerável tarefa na ampliação da sua rede bibliotecária, graças à conjugação de esforços que o Estado e os órgãos administrativos distritais e municipais realizam.

Já em 1963 haviam ficado dotados de serviços bibliotecários cerca de um milhar de municípios, conseguindo pôr o livro ao alcance de sete milhões de espanhóis que habitam em diversas povoações da área geográfica espanhola.

A partir de 1 de Janeiro de 1964, a ajuda estatal a este sector foi multiplicada. Os 31 milhões de pesetas consignadas para o biénio 1962-63 passaram a 82 milhões em 1964-65 e a 133 milhões de pesetas (cerca de 55 mil contos) no biénio 1966-67.

Este extraordinário impulso corresponde à convicção por parte dos dirigentes de que o desenvolvimento económico e o desenvolvimento total do seu país está condicionado pelo desenvolvimento cultural e pelo desenvolvimento pessoal dos indivíduos.

O Serviço Nacional de Leitura, fiel ao propósito de pôr o livro ao alcance de todos os espanhóis, mediante a criação de bibliotecas públicas municipais em todas as povoações do território nacional espanhol, tornou possível a criação, a partir de 1964, de 153 novas bibliotecas municipais.

I Congresso Nacional de Livreiros (Espanha)

A Junta Nacional de Livreiros de Espanha realizou em Madrid, durante os dias 1 a 4 de Julho de 1968, o I Congresso Nacional de Livreiros, que teve por objectivo o estudo da problemática actual da profissão e a procura de soluções para a maior dignificação da classe e melhor organização das estruturas comerciais.

Deram a sua colaboração os livreiros de Madrid e Barcelona, representantes do INLE e Sindicato Nacional do Papel e Artes Gráficas.

Os temas debatidos no Congresso foram os seguintes:

- Relações editores-livreiros
- Bibliografia
- Canais normais do comércio livreiro
- Aspirações e futuro da livraria.

Seminário ibero-americano sobre o planeamento dos serviços das bibliotecas

No passado mês de Fevereiro realizou-se em Madrid um seminário sobre o planeamento dos serviços das bibliotecas cujos objectivos foram os seguintes:

1 — Análise dos problemas que dizem respeito à extensão e melhoramento dos serviços das bibliotecas em relação com o desenvolvimento económico e social e, em especial, com a educação;

2 — Recolha da experiência dos bibliotecários latino-americanos e espanhóis sobre o tema;

3 — Aperfeiçoamento da metodologia e da técnica sobre o planeamento dos serviços das bibliotecas;

4 — Enriquecimento da experiência dos bibliotecários espanhóis e iberoamericanos no sentido de cumprirem melhor as tarefas de planeamento nos seus próprios países ou para levarem a cabo missões da UNESCO a Estados membros que solicitam uma colaboração de tal tipo.

O II Congresso Nacional de Bibliotecas (Espanha) e a inauguração da Casa da Cultura de Gerona

O Presidente da ANABA, referindo-se à inauguração da Casa da Cultura de Gerona, que intencionalmente se fez coincidir com a realização do II Congresso Nacional de Bibliotecas, ocorrido nesta mesma cidade de 3 a 8 de Outubro de 66, assinala um e outro

acontecimento como os dois factos mais relevantes da vida bibliotecária espanhola no ano de 1966.

O Congresso, no qual participaram 200 congressistas e quase 300 assistentes, atingiu um alto nível, dado o interesse dos temas debatidos — nos cinco relatórios e numerosas comunicações — e das intervenções dos participantes de vários Centros e Serviços, revestindo-se, além de mais, de um alcance altamente prático para lá da doutrinação exposta, pois nele foram enunciados problemas, anunciados projectos futuros e condensadas em 23 recomendações as conclusões finais dos animados debates.

Pelo que respeita à Casa da Cultura de Gerona — obra levada a efeito pelos esforços conjuntos da Deputação Provincial, Direcção-Geral de Arquivos e Bibliotecas e Comissariado de Extensão Cultural — pode considerar-se a biblioteca mais moderna de Espanha, constituindo a primeira realização de um plano que, respondendo às solicitações da vida intelectual dos nossos dias, encara e concebe a biblioteca pública simultaneamente como biblioteca e centro cultural. Similar a todas as instituições desta natureza, possui, além da sala de leitura pública, um Centro Coordenador de Bibliotecas, instalações infantis, uma dependência que permite a utilização individual de instrumentos audio-visuais, depósito provincial para empréstimo de diapositivos, filmes, discos e bandas magnetofónicas, gabinete de gravações, salas para o ensino, nomeadamente o laboratório de línguas e a aula de mecanografia, salas de exposições, de sessões, de conferências, arquivo histórico, museu arqueológico, etc., etc.

Esta biblioteca modelar é mais um testemunho da estreita colaboração entre os poderes públicos e a classe bibliotecária, e, sobretudo, da clara compreensão por parte das autoridades governamentais de que o futuro cultural de um país tem de assentar forçosamente numa sólida e perfeita estruturação de bibliotecas e arquivos.

VI Congresso Internacional de Arquivos

Por decisão do Conselho Internacional de Arquivos — no decorrer do último Congresso realizado em Bruxelas — coube, desta vez, à Espanha a iniciativa da organização do próximo Congresso Internacional (VI), a efectuar em Madrid, de 3 a 7 de Setembro de 1968. Neste VI Congresso serão debatidos os temas seguintes:

- 1 — Liberalização em matéria de acesso a arquivos.
- 2 — Arquivos administrativos.
- 3 — Metodologia da ciência arquivística.

Estão previstas três sessões de trabalho para exposição e debate dos temas propostos, reuniões dos Comités do Conselho Internacional, várias excursões artísticas e outras actividades de carácter social.

O preço de inscrição é de 600 pesetas para os congressistas e de 300 para os acompanhantes (isto é, 252\$00 e 126\$00, respectivamente).

Todos os pedidos de informações devem ser dirigidos a:
 Comité Ejecutivo del VI Congreso Internacional de Archivos.
 Archivo Histórico Nacional.
 Serrano, 115 — Madrid - 6. España.

Bibliotecas escolares, centros de animação cultural

Na biblioteca municipal de arte e indústria, em Paris — Bibliothèque Forney — efectuou-se mais uma das jornadas de estudo promovidas pela Associação dos Bibliotecários Franceses. Estavam presentes 150 bibliotecários representantes de estabelecimentos escolares, hospitalares, de centros sociais e de comités de empresas, vindos de várias localidades.

Tema debatido: *O livro, a biblioteca e a criança*. As conclusões a que chegaram foram estas:

1.º — É um facto irrecusável que no mundo moderno o predomínio da imagem sobre a leitura compromete seriamente a evolução intelectual da criança.

2.º — A acção da escola é insuficiente. Nos meios rurais, onde a circulação do livro é dificultada, as «bibliotecas itinerantes» também não suprem as necessidades.

3.º — É indispensável, pois, criar em todas as escolas bibliotecas que funcionem como «centros de animação cultural», e nas quais os alunos possam ter à sua disposição um complexo educativo animado: livros, revistas, discos, diapositivos, filmes, conferências, exposições, etc., além dos indispensáveis programas de televisão formativos e servidos por livros adequados a esta finalidade.

Projecto CIUS ⁽¹⁾-UNESCO sobre a informação científica

O Comité Central do Projecto CIUS-UNESCO sobre a transmissão da informação científica reuniu-se em Paris, na sede da UNESCO, de 6 a 8 de Dezembro de 1967.

Foi objecto de atenção especial a comunicação de Sherwin, na qual se propôs:

- 1) criação de um sistema mundial de informação científica;
- 2) adopção de descrições bibliográficas internacionais;
- 3) realização de sistemas centralizados de tradução e de microcópia de documentos.

Estas medidas foram consideradas de interesse, como primeiro passo para um sistema internacional de informação científica. E com vista à elaboração de elementos de estudo, criaram-se diversos grupos de trabalho:

1. Grupo encarregado dos sistemas de informação mecanizada, tais como: Chemical Abstracts, Medical Literature Analysis and Retrieval System (MEDLARS), International Nuclear Information System (INIS), etc.
2. Grupo de trabalho encarregado das normas internacionais relativas à identificação de documentos (sob a direcção de Sherwin).
3. Grupo de trabalho sobre os métodos usados pelos cientistas e sobre as suas necessidades em matéria de informação (direcção de Kaiser).
4. Grupo de trabalho sobre resumos analíticos (a cargo do CIUS).
5. Grupo de trabalho sobre os problemas da classificação e indexação (a cargo da FID).
6. Grupo de trabalho sobre a investigação (a nível internacional) em matéria de ciência da informação (direcção de Aroutiounov).

Para a próxima reunião do Comité estão previstos grupos de trabalho que terão a seu cargo os problemas linguísticos, os assuntos de tradução e as formas de se dispor de documentos completos. Também será encarado o problema da investigação científica nos países em vias de desenvolvimento.

O relatório desta reunião (em francês e inglês) aparecerá com a cota: ICSU-UNESCO/CS/ 2.15.

⁽¹⁾ Conseil International des Unions Scientifiques.

Comité Consultivo Internacional de Documentação, de Bibliotecas e de Arquivos

Nasceu de uma resolução adoptada pela 14.^a Conferência Geral da UNESCO (1966) e veio substituir o antigo Comité Consultivo Internacional de Bibliografia, Documentação e Terminologia.

A necessidade de criar este Comité foi determinada pelo alargamento da competência do novo Departamento de Documentação, de Bibliotecas e de Arquivos (UNESCO). No âmbito das suas funções, contam-se o encargo de emitir pareceres sobre os problemas de documentação em geral e, mais particularmente, sobre aqueles que tocam de perto os interesses da UNESCO.

A primeira sessão, realizada na sede da UNESCO, em Paris, teve por objecto o estudo da acção deste Organismo no domínio da documentação, das bibliotecas e dos arquivos. Por essa altura, foram considerados de interesse imediato os pontos seguintes:

- 1) melhoria na planificação dos serviços nacionais, regionais e internacionais de documentação, de bibliotecas e de arquivos.
- 2) preparação de pessoal, designadamente em matéria de técnicas de planificação, através dos métodos novos e dos métodos tradicionais.
- 3) definição de um mínimo de normas comuns para o emprego das técnicas novas e tradicionais e para os programas de formação profissional.
- 4) criação de centros de investigação no domínio da documentação, das bibliotecas e dos arquivos.
- 5) apreciação e aplicação das novas técnicas documentais, nomeadamente da informática, indispensável ao desenvolvimento da documentação.

Outro aspecto que mereceu a atenção do Comité foi o projecto empreendido conjuntamente pelo CIUS (1) e pela UNESCO, no que respeita a um sistema mundial de informação científica. Também foi considerado digno de interesse o projecto de catalogação colectiva que está a ser realizado pela Biblioteca do Congresso.

Por último, o Comité definiu a posição da documentação num mundo dominado pela ciência e pela técnica, considerando as técnicas documentais indissociáveis dos vários problemas de ordem económica, política e social que estão a ser enfrentados pelos homens da nossa época.

Foram alvo de atenção especial os países em vias de desenvolvimento onde, com o auxílio da UNESCO, deverão ser criadas as estruturas necessárias com vista a acelerar o seu processo de desenvolvimento.

A documentação, que está presente em todos os programas da UNESCO, deve assentar necessariamente numa intensificação de actividades e reestruturação no próprio seio do Organismo, de forma a ser alcançado o melhor rendimento possível.

O relatório final desta reunião está à disposição dos interessados e pode ser obtido através do seguinte endereço:

Département de la Documentation, des Bibliothèques et des Archives, Unesco, place de Fontenoy, 75 — Paris - 7^e.

(1) Conseil International des Unions Scientifiques.

Associação Internacional das Bibliotecas Metropolitanas

Por recomendação da secção de bibliotecas públicas do Conselho Geral da FIAB — reunido em Toronto, de 15 a 20 de Agosto de 1967 — foi criada a Associação Internacional das Bibliotecas Metropolitanas (INTAMEL).

O organismo, que constitui uma Secção da FIAB, agrupará as bibliotecas de zonas metropolitanas populosas e terá uma actividade orientada para:

- 1) cooperação dessas bibliotecas a nível internacional
- 2) desenvolvimento de um sistema de permuta (respeitante a livros, pessoal e informações)
- 3) participação das bibliotecas nos trabalhos da FIAB, nomeadamente nos da sua secção de bibliotecas públicas.

NOTÍCIAS VÁRIAS

* A convite do Inspector Superior das Bibliotecas e Arquivos, Dr. Luís Silveira, e como bolseira do Instituto de Alta Cultura, permaneceu durante um mês no nosso país a Senhora Esmeralda Maria de Aragão, professora da cadeira de Catalogação do Curso de Bibliotecários da Universidade da Baía e bibliotecária-chefe da Biblioteca da Faculdade de Direito da mesma Universidade.

No dia 26 de Junho, os Inspectores e Directores das Bibliotecas e Arquivos de Lisboa ofereceram um almoço à ilustre visitante, no qual foram trocadas impressões de carácter profissional e estabelecido um programa de trabalho.

No dia 1 de Julho, um grupo de bibliotecários-arquivistas portugueses, em representação de «Cadernos» — nosso órgão oficial — promoveu uma reunião na Sociedade de Geografia de Lisboa, seguida de visita à biblioteca desta instituição e de um chá, onde houve oportunidade para troca de impressões e estreitamento de contactos com os nossos colegas brasileiros, através da sua representante.

* Por publicação no *Diário do Governo*, II Série, n.º 116, de 15 de Maio de 1968, foi concedido ao Doutor António Cruz o título de professor agregado de História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

* O bibliotecário-arquivista Dr. Alberto Iria, director do Arquivo Histórico Ultramarino, acaba de ser justamente galardoado com mais um título, que muito honra igualmente os seus colegas bibliotecários e arquivistas — o de ter sido nomeado académico correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

O Dr. Alberto Iria tem-se mostrado sempre, desde a primeira hora, como um prestigioso e estrénuo defensor de uma profissão que ele tanto tem dignificado pelo seu saber, pela sua colaboração constante e pelo prestígio da sua personalidade.

* Realizaram-se em Coimbra, na Faculdade de Ciências, cursos da IBM (Programação Fortran). Alguns dos nossos colegas assistiram a esses cursos.

* Entre os livros que se destinam mais a ser admirados do que lidos, conta-se o «Apocalipse», escrito em sete línguas, e considerado o livro mais raro, mais pesado e também... o mais caro do Mundo, pois que o seu custo está avaliado em um milhão de dólares (vinte e nove mil contos!)

* Em 14 de Maio, realizou-se na Faculdade de Letras de Lisboa a cerimónia da inauguração de uma nova biblioteca — a Biblioteca Calouste Gulbenkian — que ficou integrada no Instituto David Lopes da mesma Faculdade.

Graças à doação da Fundação Gulbenkian, a biblioteca dispõe já de um apreciável número de livros nas Secções de Filologia, História e Geografia.

* A Casa do Alentejo, comemorando o seu 75.º aniversário, realizou de 10 a 30 de Junho uma exposição bibliográfica subordinada ao tema: «Livro alentejano».

Nessa exposição estiveram patentes obras de escritores alentejanos e ainda outras que têm por tema o Alentejo.

* Em sessão ordinária da Academia Portuguesa de História, o reverendo António Joaquim Dias Dinis apresentou uma comunicação subordinada ao título: «Relatório do século XVI sobre o Arquivo Nacional da Torre do Tombo».

O documento inédito trazido agora a público (memorial sobre a Torre do Tombo) foi escrito por Cristóvão de Benavente, em 1583, por ordem de Filipe I, e encontra-se na Biblioteca Nacional de Madrid.

* Sob as rubricas «Biblioteca que se desfaz», o «Diário de Lisboa» de 27-5-68, insere na página 12 o anúncio de mais um leilão de livros (280.º) do conhecido livreiro Arnaldo Henriques de Oliveira, efectuado em 29 de Maio, na Praça do Príncipe Real, 5-1.º, Lisboa.

A biblioteca que agora foi posta a leilão era constituída por milhar e meio de espécies bibliográficas, desde os clássicos quinhentistas até aos autores contemporâneos. De assinalar, também, a raridade de algumas obras, tais como o «Leal Conselheiro» na edição de Paris de 1842, o «Cancioneiro de D. Maria Henriques», obras de Junqueiro e de Aquilino Ribeiro em primeira edição, etc.

* A Biblioteca Pública do Fundão recebeu uma valiosa dádiva do Dr. José Nicolau Nunes de Oliveira, antigo governador de Moçambique.

O legado, que abrange mais de duas mil espécies bibliográficas, inclui livros sobre Direito, História, Literatura e um importante núcleo relativo ao nosso Ultramar.

Na secção de Literatura Portuguesa contam-se obras de Vieira, Bernardes, Herculano, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Junqueiro, Eça, Camilo, Raul Brandão, Gomes Leal, Fialho, Mário Beirão, Eugénio de Castro, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, etc. Pelo que respeita a literatura estrangeira (francesa e espanhola), apontamos as obras de Ronsard, Bossuet,

La Fontaine, Montaigne, Pascal, Michelet, Mme. de Staël, Verlaine, Analote France, Cervantes, Menendez y Pidal, Unamuno e Ortega y Gasset.

Está de parabéns a Biblioteca Pública do Fundão, não só pela quantidade, mas também pela qualidade das espécies que vieram enriquecer o seu património bibliográfico.

* O sr. Emanuel Domingos de Oliveira, chefe de Secretaria da Shell Portuguesa, foi designado para ministrar noções de Arquivologia nos cursos a realizar no próximo ano lectivo, por iniciativa da COPRAI, destinados a preparar dirigentes de empresas.

* Chamamos a atenção dos colegas para o artigo inserto no «Diário Popular» de 30-5-68, p. 14: *A divulgação da cultura e o funcionamento das bibliotecas e arquivos* — no qual o autor, em termos depreciativos que nos atingem profundamente, propõe que a direcção das bibliotecas e arquivos portugueses seja confiada a homens de letras, como medida urgente para remediar a negligência e o espírito burocrático que actualmente predominam nestas instituições, constituindo um obstáculo à divulgação da cultura!

* A ANABA, com o fim de colher dados para o conhecimento da situação cultural em Espanha, resolveu realizar anualmente uma pesquisa, junto dos leitores das bibliotecas, sobre os livros e autores seus preferidos.

Como resultado desse primeiro inquérito, referente a livros lidos em 1966, apresenta uma estatística com os dados colhidos segundo o sexo, idade e grau de estudos dos leitores.

* A ANABA, no desejo de facilitar aos seus associados a possibilidade de colaborar mais activamente no desenvolvimento da sua profissão e melhorar os serviços de que estão encarregados, concedeu subsídios anuais para premiar os melhores trabalhos sobre o estudo e análise das actividades profissionais.

Os subsídios, no montante de 20 000 pesetas cada um, foram distribuídos por 3 bibliotecas, 2 arquivos e 1 museu.

* O III Congresso Nacional de Bibliotecas Espanholas realiza-se de 6 a 11 de Maio, em Las Palmas, tendo como tema geral: «A extensão das bibliotecas através do empréstimo de livros.

* Quarenta por cento das bibliotecas públicas do Reino Unido utilizam o serviço de fichas impressas da British National Bibliography como fonte de dados centralizados de catalogação bibliográfica.

Essas bibliotecas são, de longe, os clientes predominantes das fichas da BNB, as quais tiveram recentemente uma considerável difusão entre as bibliotecas escolares. As bibliotecas universitárias nunca utilizaram de modo significativo aquele serviço.

LUGARES QUE FORAM POSTOS A CONCURSO

Biblioteca Nacional de Lisboa

Por ter saído com inexactidão no *Diário do Governo*, n.º 139, 2.ª série, de 12 de Junho de 1968, novamente se publica:

São avisados os primeiros-bibliotecários e os primeiros-conservadores do quadro referido no artigo 15.º do Decreto-Lei n.º 46 350, de 22 de Maio de 1965, bem como os segundos-bibliotecários e os segundos-conservadores do mesmo quadro, com, pelo menos, três anos de serviço nesta categoria, de que podem requerer, nos termos do artigo 15.º do citado decreto-lei, o seu provimento no lugar de primeiro-bibliotecário da Biblioteca Nacional de Lisboa, vago pela passagem à situação de licença ilimitada da licenciada Maria Fernanda Alves Russo dos Reis.

Os requerimentos, acompanhados da declaração a que alude o Decreto-Lei n.º 27 003, de 14 de Setembro de 1936, devem dar entrada nesta Direcção-Geral dentro do prazo de quinze dias, a contar da publicação do presente aviso no *Diário do Governo*. (*Diário do Governo*, II Série, n.º 145, 1968-Junho-20).

Nos termos dos artigos 14.º e seu § 1.º, § 15.º e § 16.º do Decreto-Lei n.º 46 350, de 22 de Maio de 1965, é aberto concurso para provimento do lugar de terceiro-bibliotecário da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Podem concorrer:

- a) Os terceiros-bibliotecários e os terceiros-conservadores do quadro único a que se refere o citado artigo 15.º do Decreto-Lei n.º 46 350, bem como os indivíduos habilitados com o curso de bibliotecário-arquivista;
- b) As pessoas que, embora não habilitadas com o curso de bibliotecário-arquivista, já possuam aprovação nos exames finais de todas as disciplinas do mesmo curso. Nos termos da parte final do artigo 14.º do citado decreto-lei, o provimento destes candidatos terá carácter provisório durante seis meses de exercício da função e só será convertido em definitivo se o interessado obtiver boas informações de serviço;
- c) As pessoas habilitadas com um curso superior.

Nos termos do § 1.º do artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 46 350, o provimento destes candidatos terá carácter provisório e só será convertido em definitivo se o interessado obtiver aprovação nos exames finais de todas as disciplinas do curso de bibliotecário-arquivista e, além disso, boas informações de serviço. Em hipótese alguma o interessado poderá ser provido definitivamente antes de decorridos seis meses de exercício da função ou nela permanecer além de três anos com provimento provisório.

Os requerimentos deverão dar entrada nesta Direcção-Geral no prazo de 30 dias, a contar da publicação do presente aviso no *Diário do Governo*. (*Diário do Governo*, II Série, n.º 112, 1968-Maio-10).

Arquivo Distrital de Setúbal

Nos termos do Decreto-Lei n.º 27 199, de 16 de Novembro de 1936, e dos artigos 12.º e 14.º do Decreto-Lei n.º 46 350, de 22 de Maio de 1965, é aberto concurso para o contrato de um terceiro-conservador (director) do Arquivo Distrital de Setúbal:

Podem concorrer:

- a) As pessoas habilitadas com o curso de Bibliotecário-Arquivista;
- b) As pessoas que, embora ainda não habilitadas com o curso de Bibliotecário-Arquivista, já possuam aprovação nos exames finais de todas as disciplinas do mesmo curso;
- c) As pessoas habilitadas com um curso superior.

Os requerimentos deverão dar entrada nesta Direcção-Geral, no prazo de 30 dias, a contar da publicação do presente aviso no *Diário do Governo*. (*Diário do Governo*, II Série, n.º 128, 1968-Maio-29).

Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora

Nos termos do Decreto-Lei n.º 27 199, de 16 de Novembro de 1936, e dos artigos 12.º e 14.º do Decreto-Lei n.º 46 350, de 22 de Maio de 1965, é aberto concurso para o contrato de um terceiro-bibliotecário da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.

Podem concorrer:

- a) As pessoas habilitadas com o curso de bibliotecário-arquivista;
- b) As pessoas que, embora não habilitadas com o curso de bibliotecário-arquivista, já possuam aprovação nos exames finais de todas as disciplinas do mesmo curso;
- c) As pessoas habilitadas com um curso superior.

Os requerimentos deverão dar entrada nesta Direcção-Geral no prazo de 30 dias, a contar da publicação do presente aviso no *Diário do Governo*. (*Diário do Governo*, II Série, n.º 115, 1968-Maio-14).

MOVIMENTO BIBLIOTECÁRIO

* Licenciada Juvenália Pontes Coelho Borges, terceiro-bibliotecário do quadro referido no artigo 15.º do Decreto-Lei n.º 46 350, de 22 de Maio de 1965, em serviço na Biblioteca Nacional de Lisboa — rescindido, a seu pedido, o respectivo contrato, a partir de 18 de Abril de 1968. (*Diário do Governo*, II série, n.º 113, 1968-Maio-11).

* Licenciado Jorge Manuel Frias de Gouveia e Cró — nomeado definitivamente, nos termos do n.º I, 1.º, da base XI e do n.º IV da base XL da Lei Orgânica do Ultramar Português e artigo 27.º, § 1.º, do Estatuto do Funcionalismo Ultramarino, no cargo de director da Biblioteca Nacional de Moçambique para que foi nomeado por portaria de 31 de Janeiro de 1963, visada pelo Tribunal de Contas em 9 de Fevereiro seguinte e publicada no *Diário do Governo*, n.º 43, 2.ª série, de 20 do mesmo mês, e reconduzido por portaria de 25 de Janeiro de 1965, anotada pelo Tribunal de Contas em 4 de Março seguinte e publicada no *Diário do Governo*, n.º 75, 2.ª Série, de 30 do mesmo mês e ano.

(*Diário do Governo*, II Série, n.º 127, 1968-Maio-28).

* Licenciada Maria Alice Baptista Velho Melo Falcão de Almeida Curado — nomeada para desempenhar, provisoriamente, as funções de terceiro-conservador da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, durante o impedimento do titular do cargo, Francisco França Amado Júnior, como segundo-conservador da mesma Faculdade.

(*Diário do Governo*, II Série, n.º 151, 1968-Junho-27).

* Licenciada Maria do Carmo Jasmins Pereira Rodrigues — aprovado o termo de contrato para, como terceiro-conservador do quadro referido no artigo 15.º do Decreto-Lei n.º 46 350, de 22 de Maio de 1965, prestar serviço no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

(*Diário do Governo*, II série, n.º 157, 1968-Julho-4).